

INSURGÊNCIA MAOÍSTA NA ÍNDIA

Álvaro Anis Amyuni¹

Laís Santiago Melo²

Rafael Golucci³



Fonte: Leonard e Singh (2021).

A Insurgência Naxalita é um conflito armado latente entre o governo indiano e as guerrilhas maoístas que teve início entre os anos 1960 e 1970. O combate perdura por mais de 60 anos, passando por períodos de alta e baixa intensidade. O governo indiano considera o conflito ilegítimo e tem procurado impedir seu prolongamento temendo a perda de soberania nas regiões montanhosas dos estados de Chhattisgarh, Orissa, Bihar, Jharkhand, Bengal Ocidental e Andhra Pradesh (MUKHERJEE, 2017). Já os naxalitas buscam a tomada do poder por meio de uma guerra de guerrilhas fundamentada no maoísmo⁴, que se mostra evidente na política de não conciliação, buscando a insurgência por meio da luta armada, descredenciando a possibilidade de mudanças sociais por meio dos aparatos do Estado.

¹ Mestrando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP-UNICAMP-PUC-SP) e bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador do Observatório de Conflitos do Grupo de Estudos em Defesa e Segurança Internacional (OC-GEDES) e do Observatório da Extrema Direita (OED).

² Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UNESP-FCHS). Pesquisadora do Observatório de Conflitos do Grupo de Estudos em Defesa e Segurança Internacional (OC-GEDES).

³ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UNESP-FCHS). Pesquisador do Observatório de Conflitos do Grupo de Estudos em Defesa e Segurança Internacional (OC-GEDES).

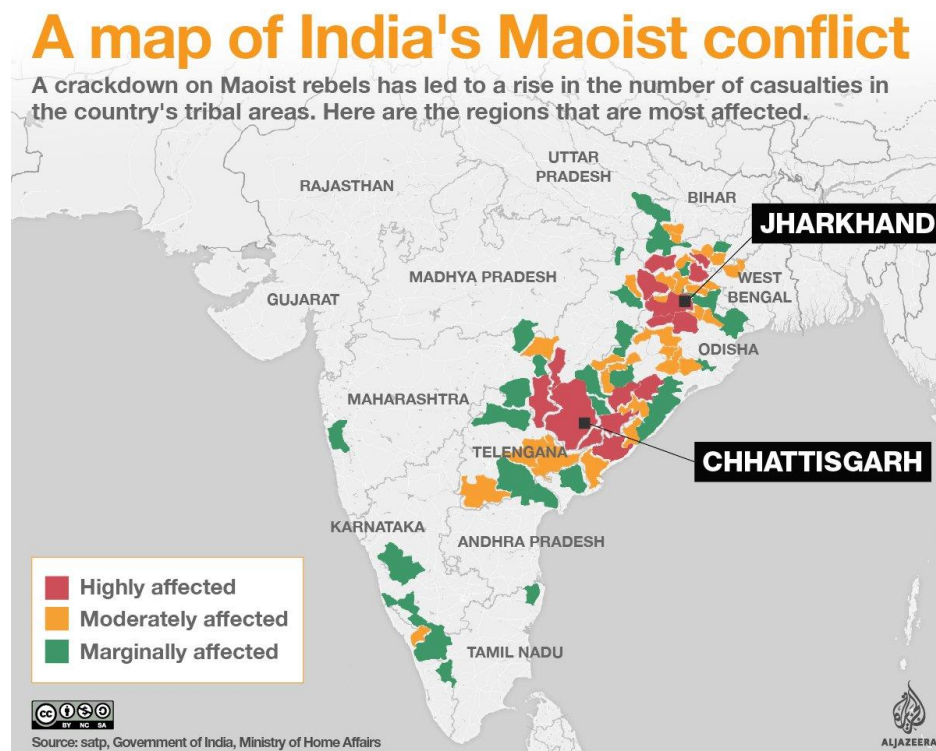
⁴ Doutrina política do líder revolucionário chinês, Mao Tsé-Tung.

Para compreender o conflito é necessário analisar a ideologia que fundamenta as ações dos naxalitas com algumas interpretações e adequações para o contexto indiano. Em termos históricos, é válido ressaltar a importância do Partido Comunista Indiano (PCI), em 1925, que indica a chegada da ideologia comunista à Índia, e o final dos anos 1960 que marcam a chegada da ideologia maoísta e o desenvolvimento de suas interpretações locais (RANZAN, 2013, p. 1). Assim, o maoísmo foi construído com base na ideia marxista de materialismo histórico, e também no leninismo sobre a organização política. Com base nisso, é válido ressaltar que

O marxismo é [...] um conjunto de princípios filosóficos, econômicos, políticos, sociológicos e científicos, todos relacionados e formando juntos uma estrutura de pensamento autônoma e independente. [...] Ele é um guia para a vida e a prática sociais, e a sua validade só pode ser avaliada pelos seus resultados (SWEEZY, 1985, p. 1-6, tradução nossa).

Assim, o Maoísmo pode ser definido como uma forma de analisar esses princípios, porém tendo como base a realidade da sociedade chinesa dos anos 1950 a 1970 (D'MELLO, 2009).

Figura 1 - Mapa das regiões afetadas pela Insurgência Naxalita na Índia



Fonte: Al Jazeera (2017).

No que diz respeito a influência leninista na formação da doutrina maoísta, os naxalitas se apropriam das concepções de centralidade em torno de um partido de vanguarda, e a função desse partido para a organização de massas tendo em vista a

revolução. Deste modo, orientados pela doutrina maoísta, esse partido centraliza lideranças intelectuais, camponesas e operárias, criando discussões com base no centralismo democrático, que pode ser resumido em “liberdade de discussão, unidade de ação” com suas intenções direcionadas para as massas. (D’MELLO, 2009). A guerra de guerrilhas, que considerava as especificidades da realidade chinesa, e os princípios políticos pautados na “ditadura do proletariado” são exemplos de interpretação da linha de raciocínio.

O processo de formação político-ideológica maoísta chegou à Índia devido às semelhanças com a realidade chinesa, sobretudo a realidade política, social e econômica. No entanto, é impossível negar as especificidades da realidade indiana, o que traz a necessidade de uma interpretação própria do processo revolucionário e a formação de seus próprios partidos, como o Partido Comunista Indiano Maoísta, o PCI (M). Sendo assim, a formação da Insurgência Naxalita contra o Estado indiano é composta pela ideologia trazida da China e também pelo processo histórico de opressão estatal e militância que antecede a sua chegada.

Com a passagem do século XX para o século XXI, a Índia presenciou o ressurgimento dos movimentos maoístas revolucionários no país. Estes movimentos passaram por um período de latência nas décadas anteriores, após as reformas econômicas de 1991, focadas na abertura da economia para investimentos estrangeiros, a modernização do sistema financeiro e do mercado de capitais (RANZAN, 2016, p. 2). O período foi marcado por intenso desenvolvimento econômico, tecnológico e industrial na Índia. Entretanto, o Estado indiano presenciou o renascimento da luta maoísta, dado que o movimento ressurgiu trazendo denúncias relacionadas ao desmatamento acentuado das florestas, proveniente da industrialização, e reivindicações relacionadas à questão do direito à terra que cabia aos povos originários, angariando um grande apoio popular que contribuiu para a retomada dos conflitos.

Assim, em 2004 com a união entre os dois partidos comunistas mais promissores e ativos da Índia, o *People’s War Group* (PWG) e o *The Maoist Communist Centre* (MCC), foi criado o PCI (M), aumentando significativamente o poder da insurgência. Além disso, em 2005, com a implementação das Zonas Econômicas Especiais na Índia (RANZAN, 2016, p. 2), criadas pelas reformas econômicas de 1991, uma parte da população foi expulsa de suas terras por critérios socioeconômicos, dado que os lugares que ocupavam seriam utilizados para o processo de industrialização, fato que inflama a luta naxalita contra o governo indiano.

O apoio popular ao naxalismo veio principalmente dos *adivasis*, povos indígenas que antes da implantação das reformas econômicas ocupavam 71% das áreas florestais indianas (BIJOY, 2001). Os *dalits*, a casta mais baixa e pobre do sistema de castas indiano, também sofreram neste processo de expulsão e deram apoio à insurgência, demonstrando o nível de enraizamento das desigualdades na Índia que massacra povos e classes sociais colocados à margem do sistema (RANZAN, 2016, p. 1). Em razão disso, os naxalitas conseguiram expandir significativamente sua área de atuação, passando a agir nas regiões montanhosas do centro da Índia que eram exploradas por multinacionais em busca de recursos naturais (RANZAN, 2016).

Vale ressaltar que a expansão da área de atuação dos naxalitas também foi responsável pela desconcentração da guerrilha, o que acarretou uma perda de influência dentro dos movimentos operários e estudantis, o alicerce de origem das lideranças ideológicas do movimento maoísta. Porém, o apoio dos *dalits* e *adivasis* deu força material e moral para a retomada das incursões armadas. Ademais, os naxalitas insurgiram trazendo novamente a perspectiva de uma reforma agrária e maior igualdade social para os povos originários e classes sociais mais pobres (RANZAN, 2015, p. 4).

Utilizando a classificação de Laitin (2007) sobre violência política atrelada ao nacionalismo, denotamos a nova fase do conflito maoísta com maior conexão com os grupos sociais marginalizados do campo como uma insurgência de “filhos da terra”. Essa classificação busca cobrir movimentos armados que têm forte inspiração telúrica, de defesa da terra, contra a exploração econômica predatória por forças consideradas “estrangeiras” e os processos de migração da etnia/nacionalidade dominante do Estado em que estão inseridos. Esses processos são vistos como uma invasão em vários âmbitos (territorial, cultural e econômico) e, por consequência, formam um efeito rebote de organizações da população originária para reclamar sua terra e expulsar os invasores. Mukherjee (2021) nota que, no caso maoísta indiano, houve a confluência de interesses, de um lado, telúricos por parte dos *adivasis* e *dalits* e, de outro, ideológicos de libertação por parte das lideranças maoístas. Dessa forma, mesmo que a característica ideológica aos olhos do governo indiano tenha prevalecido a partir dessa fusão, a origem mais íntima da insurgência se encontra na sua característica de “filhos da terra”.

Ao tratarmos da Índia, é impossível observar e analisar os conflitos étnicos existentes ao longo de sua história pós-independência sem levar em conta os mecanismos de dominação criados pela colonização britânica aos quais a população indiana foi submetida – sobretudo os povos originários. Mukherjee (2021), identifica nas revoltas

étnicas na Índia um padrão das regiões que possuem esse tipo de revolta armada telúrica. Para ele, o domínio colonial indireto desenvolvido pelos britânicos criou as condições estruturais para a ascensão das tensões entre os povos originários contra os senhores de terras e o Estado, os “estrangeiros” que exploram seus recursos (MUKHERJEE, 2021). As regiões da Índia que tiveram maior presença britânica através de mecanismos de dominação *direta*, no pós-independência absorveram o legado institucional deixado pelos britânicos, desenvolvendo mais eficientemente as instituições de Estado, garantindo também maior robustez dos aparatos de segurança, prevenindo o desenvolvimento de movimentos armados.

Mukherjee (2021) identifica que os naxalitas e outras rebeliões de “filhos da terra” desenvolveram-se com mais facilidade e aderência social justamente em locais cuja presença institucional estatal era mais fraca. Com isso, em certos tipos de “principados” que foram transformados em estados após a independência, como Jharkhand, Chhattisgarh e Orissa, as dinâmicas do domínio indireto resultaram na exploração de recursos e em desigualdades étnicas que persistiram e criaram as condições para as insurgências telúricas florescerem (MUKHERJEE, 2021).

Nesse processo de fusão entre a luta telúrica e a luta ideológica, a Insurgência Naxalita atingiu o seu pico entre 2009 e 2010. Foi o período no qual o PCI (M), passou por um processo de militarização e institucionalização, atingindo dessa forma a sua consolidação, intensificando as ações contra a opressão estatal vinculada ao processo de modernização econômica (RANZAN, 2015, p. 1). Deste modo, os naxalitas conseguiram manter o seu poderio sobre grandes áreas rurais, mesmo com o distanciamento das classes estudantis urbanas. Entretanto, no fim de 2010, o governo indiano intensificou as ofensivas antinaxalitas, que culminaram em um decréscimo brusco da força do movimento nos anos seguintes, reduzindo as vítimas do conflito de cerca de quase mil mortes em 2010 para pouco mais de 200 em 2015 (MUKHERJEE, 2017).

As ofensivas do governo não aconteciam apenas no domínio militar, com a atuação de forças de segurança caçando e desmobilizando contingentes do exército do PCI-M, mas também ao aumentar a presença do Estado conforme ocorria o processo de modernização das regiões com forte adesão à insurgência. A intenção do governo indiano era minar o apoio da população ao naxalismo através da diminuição da convicção ideológica sobre o maoísmo, demonstrando o distanciamento da luta armada frente à possibilidade de atingir os objetivos prometidos.

Shah (2021), em seu estudo antropológico junto aos *adivasis*, discute a aderência dessa população ao discurso utópico do maoísmo e quais as circunstâncias que permitiram a grande aceitação da liderança ideológica em uma luta caracterizada principalmente pelo forte telurismo, ou seja, pela resistência à invasão de uma força considerada estrangeira, no caso o Estado indiano. A oportunidade dos maoístas junto aos *adivasis* estava no vislumbre da transformação da realidade social dessa população com base em uma noção de *classe* aliada à luta *anti-imperialista*, marca dos movimentos de inspiração maoísta ao redor do mundo. Foram dados contornos anti-imperialistas à resistência *adivasi* devido ao histórico das comunidades de sofrer com a negligência do Estado indiano e à animosidade com que essa população tratava os “estrangeiros” que tentavam explorar suas terras. Os *naxalitas* também enxergavam na forma de organização social *adivasi* uma espécie de comunismo primitivo (dados os princípios de igualitarismo presentes na cultura dessas comunidades), que deveria ser reformado e atualizado para o “comunismo verdadeiro” (SHAH, 2021).

Entendidas as origens da “simbiose” entre *adivasis* e o *naxalismo*, temos que quando os líderes da insurgência, seguros da forte relação que tinham estabelecido com a população local decidem por militarizar as suas ações a partir de 2004 – processo que foi catalisado a partir de 2010 pelo combate contra as forças do Estado –, a relação de apoio e suporte entre os “filhos da terra” e o edifício ideológico maoísta começa a sofrer abalos pela gradativa perda de aderência social. Para Shah (2021), a insurgência passou a operar por uma lógica militar, deixando a utopia fundadora da cooperação com as comunidades locais em segundo plano em nome da sobrevivência política frente às incursões do Estado indiano, tanto armadas quanto na provisão de serviços básicos outrora negligenciados. Dessa forma, o maoísmo se tornou um culto político que não tinha nenhuma relevância para as vidas ordinárias das pessoas (SHAH, 2021).

O Estado indiano, principalmente no governo de Narendra Modi do *Bharatiya Janata Party* (BJP) e grupos políticos à direita, adeptos da ideologia ultranacionalista “*Hindutva*”, nesse sentido, souberam explorar muito bem a gradual perda de coesão política entre as forças sociais que compunham a insurgência através de um discurso que busca apagar as diferenças entre as castas e negar a identidade dos povos originários através da percepção da indivisibilidade do povo hindu (MCDONNEL; CABRERA, 2018). Os próprios *adivasis* passaram a se organizar em gangues para combater os maoístas de forma auxiliar às ações do governo indiano (SHAH, 2021, p. 79). Outro processo importante foi a captura das instituições educacionais pelas forças *hindutvas*,

levando pais a matricularem seus filhos em escolas com tal orientação ideológica (SHAH, 2021, p. 80).

Assim, as causas políticas e sociológicas também são cruciais para compreender o movimento em direção à latência da insurgência após o seu pico em 2010. Mukherjee (2017) aponta duas razões para a redução brusca da violência naxalita entre 2013 e 2015: a primeira é o sucesso da ação continuada do Estado indiano para a manutenção da contra insurgência. A segunda razão tem a ver com a percepção da liderança naxalita diante dos esforços contra insurgentes de que não tinham força material para sustentar a estratégia expansionista que adotaram após a criação do PCI (M) em 2004. Essa percepção resultou na mudança de estratégia para uma retirada tática para estancar a perseguição contra as lideranças ideológicas da insurgência (PRADHAN *apud* MUKHERJEE, 2017, p. 216).

De qualquer maneira, apesar da redução brusca das mortes relacionadas à insurgência, alguns “focos” de ação continuam espalhados pelos estados mais afetados. No pico de sua atuação, os naxalitas estavam presentes em mais de 100 distritos indianos; em 2021, as forças policiais concentravam combates com naxalitas em apenas 30 distritos (VOHMA, 2021). O número de membros ativos da insurgência também caiu de cerca de 10.000 para algo entre 3.000 e 2.000 militantes (VOHMA, 2021). Isso demonstra a latência do conflito no sentido de que a insurgência deixou de ser uma luta aberta e bem-organizada para tomar a forma de pequenos focos de violência e um território controlado muito reduzido.

Por fim, em 2022 o Ministério do Interior da Índia anunciou a queda de 77% da violência naxalita no país e 85% de redução nas mortes decorrentes do conflito. Em 2010, o conflito atingiu o seu pico de mortes registradas com 1005 vidas ceifadas, contra 147 em 2021. O governo Modi utiliza essas novas cifras do conflito para demonstrar o sucesso da sua política de segurança que buscou modernizar as forças policiais com altos investimentos em novos equipamentos e treinamento (77% DIP..., 2022). Contudo, tal política é seletiva e faz parte de um esforço maior do governo ultranacionalista do BJP em massacrar as dissidências políticas e comunidades étnicas e religiosas “desviantes” do país.

Dessa forma, a Insurgência Naxalita na Índia parece caminhar em direção ao seu fim. Após quase 60 anos oscilando entre momentos de maior atividade e de maior latência, resultantes da própria evolução das correntes marxistas na Índia, o movimento atingiu seu pico de atuação e relevância ainda na primeira década do século XXI. Desde

então, assiste à sua fase minguate com a intensificação da contrainsurgência estatal que busca eliminar os últimos focos de atividade.

Percebe-se que a invisibilidade do conflito aos olhos do mundo se dá principalmente por sua aparente derrocada, também insuflada por ser uma questão primariamente interna da Índia, havendo nenhum interesse aparente de interferência externa para promover uma nova escalada do conflito – e este também foi o padrão observado ao longo da história da insurgência. Mesmo a China maoísta, fonte de inspiração para os naxalitas, não interferiu diretamente no conflito a não ser com os seus insumos ideológicos, tomando por base a ideia inerente ao maoísmo de que a luta deve corresponder às características ideológicas locais.

REFERÊNCIAS

Al JAZEERA. Maoist armed groups have a presence in 104 districts across 13 of India's 28 states, 10 maio 2017. Twitter: @AJEnglish. Disponível em: <https://twitter.com/AJEnglish/status/862366655397199873>. Acesso em 19 março 2022.

77% DIP in Naxal Violence in India, 85% Reduction in Casualties: Home Ministry in Rajya Sabha. **News18**, 23 de março de 2022. Disponível em: <https://www.news18.com/news/india/77-dip-in-naxal-violence-in-india-85-reduction-in-casualties-home-ministry-in-rajya-sabha-4900940.html>. Acesso em: 19 março 2022.

BIJOY, C R. The Adivasis of India – A History of Discrimination, Conflict and Resistance. **Indigenous Affairs**. Tamil Nadu, Índia, v. 1, p. 54-61, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/C-R-Bijoy/publication/295315229_The_Adivasis_of_India_-_A_History_of_Discrimination_Conflict_and_Resistance/links/56c945fb08ae5488f0d70ccb/The-Adivasis-of-India-A-History-of-Discrimination-Conflict-and-Resistance.pdf. Acesso em: 05 abril 2022.

D'MELLO, Bernard. What is Maoism? **Monthly Review**, 2009. Disponível em: <https://mronline.org/2009/11/02/what-is-maoism/>. Acesso em: 03 abril 2022.

LAITIN, David D. **Nations, States and Violence**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

LEONARD, Spencer; SINGH, Sunit. The Maoist insurgency in India: End of the road for Indian Stalinism? An interview with Jairus Banaji. **Platypus Review**, 26, 2021. **1 fotografia**. Disponível em: <https://platypus1917.org/2010/08/06/the-maoist-insurgency-in-india-end-of-the-road-for-indian-stalinism/>. Acesos em: 13 junho 2022.

MCDONNELL, Duncan; CABRERA, Luis. The right-wing populism of India's Bharatiya Janata Party (and why comparativists should care). **Democratization**, v. 26, n. 3, 2018.

MUKHERJEE, Shivaji. Insurgencies in India: Origins and Causes. *In*: GANGULY, Sumit *et al.* **Oxford Handbook of India's National Security**. Nova Délhi: Oxford University Press, 2017, pp. 209-228.

MUKHERJEE, Shivaji. Colonial Origins of Sons of the Soil Insurgency: Maoist Rebellion in Central India. Routledge, **Asian Security**, v. 17, n. 3, 2021

RANZAN, Mateus. A Defesa da Luta Armada: O Caminho Revolucionário na Índia. **XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS, Ensino, Direitos e Democracia**, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, p. 1-14, jul., 2016.

RANZAN, Mateus. A Luta Maoísta Revolucionária na Índia: a gênese da guerrilha naxalitas (1967-1972). **XXVII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios**, Natal, Santa Catarina, p. 1-14, julho, 2013.

RANZAN, Mateus. O Partido Comunista da Índia (Maoísta). **XXVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios**, Florianópolis, Santa Catarina, p. 1-11, julho, 2015.

SHAH, Alpa. For an anthropological theory of praxis: dystopic utopia in Indian Maoism and the rise of the Hindu Right. **Social Anthropology**, v. 29, n. 1, 2021.

SWEEZY, Paul. What is Marxism?. **Monthly Review**, v. 36, n. 10, 1985.

VOHMA, B. L. Sukma And Gadchiroli: The Boiling Pots of Left-Wing Extremism. **News18**, 1 junho de 2018. Disponível em:

<https://www.news18.com/news/opinion/sukma-and-gadchiroli-the-boiling-pots-of-left-wing-extremism-3795758.html>. Acesso em: 19 março 2022.